

Arnaldo Gama e o romance histórico

CMP 1.2.2.66

JOÃO GÁSPAR SIMÕES

Entre os romancistas da primeira fase do romance histórico português — aquela que deriva, em linha reta, de Herculano, particularmente — um se destaca com relevo apreciável. Referimo-nos a Arnaldo Gama. As histórias da literatura não lhe conferem honras especiais. Compreende-se: Arnaldo Gama, pela sua popularidade, confunde-se facilmente com os folhetinistas. Não o determinavam altos propósitos morais ou estéticos, nem se impunha pela originalidade das suas teses históricas. Mas nem por isso lhe podemos deixar de consagrar merecido culto, uma vez que lhe devemos das primeiras obras de ficção concebidas no espírito daquilo a que poderemos chamar o romance moderno, uma vez que a ele, à sua obra, temos de remontar para estabelecer a genealogia da ficção tal como veio a manifestar-se na segunda metade do século XIX.

Seja com fôr, a atitude do romancista de "Um Motim Há Cem Anos" — talvez a sua obra-prima — perante a História não se confunde com a do seu mestre. E diverge, mesmo, da de Garrett, com quem, aliás, revela muito menos afinidades. Efetivamente nem o autor do "Eurico" nem o autor do "Arco de Sant'Ana" criavam a realidade focada nos seus romances: admitiam-na relatada em crônicas, lendas ou documentos, existindo, portanto, independentemente da sua intervenção. E, assim, como que indis-

cretamente, introduziam o leitor na intimidade das suas personagens, procurando persuadi-lo de que as surpreendia vivendo de uma vida que lhes era própria. No "Arco de Sant'Ana" Garrett introduz o leitor no paço do bispo do Porto; e Herculano, em "Arras por foro de Espanha", leva-o à câmara de D. Leonor Teles, como se nem o prelado maldito nem a barregã de D. Fernando suspeitassem da sua presença.

O processo de Arnaldo Gama é diferente. E na sua introdução de "Um Motim Há Cem Anos" como que no-lo apresenta na sua minuciosa técnica. Em conversa com o antiquário erudito Gonçalo Antunes, finge o romancista ter encontrado o tema do romance que vai escrever. Quem lho sugere é esse minucioso conhecedor das antiquilhas portuenses. Confessando-se incapaz de tratar romanescamente as tragédias e os dramas vividos nos tempos remotos da cidade invicta, aconselha o interlocutor a que o faça. E expõe-lhe as suas idéias sobre a técnica e a ética do romance histórico. "Eu não o queria narrado no estilo severo e sêco, em que se escreve a história", diz-lhe ele: "queria-o de maneira que todos o lessem, que instruisse deleitando, 'utile dulci': uma coisa assim a modo de novela, de conto, de romance. Queria... queria uma novela, um romance histórico, que toda a gente lesse, que toda a gente quisesse ler; porque enfim, meu caro amigo, estou convencido que

a maneira de ensinar a história aqueles que não se aplicam aos livros, áqueles cuja profissão os arreda de poder fazer estudos serios e seguidos, é o romancista, dialogando-a, e dando vida à época, dando vida aos personagens, dando vida às localidades; mas a vida que lhes é própria, a vida da época, resuscitando-a no estilo da conversação, nos usos e costumes, nos trajes, nas idéias e nas localidades".

Programa mais democratico e pedagogico que o de Herculano, em parte explica a popularidade que a sua obra veio a ter, e ainda hoje conserva muito maior que a dos romances do mestre de "O Bobo" ou do mestre de "O Arco de Sant'Ana". E se é certo que também ele, pela palavra de Gonçalo Antunes, parece comungar nas idéias dos seus antecessores, aliás, idéias indispensáveis à elaboração de honestas ficções históricas — aconselha Arnaldo Gama a conhecer topograficamente o Porto de 1757, ano em que se dão os acontecimentos que romanceará em "O Motim", a estudar os usos e costumes dos portuenses da época, e a perscrutar a verdade dos fatos que lhe servirão de enredo — a verdade é que os não seguia naquele ponto onde eles se apresentavam como meros refletores de uma realidade histórica objetiva. De fato, Arnaldo Gama, pelo que se depreende das conclusões da referida Introdução, apresentava-se como interprete dos fatos históricos, como seu agen-

clador, até mesmo como seu organizador. "A verdade histórica, que é sempre verdade, pertence-lhe a ele", ao antiquário Gonçalo Antunes, "a contextura da novela, a pintura dos caracteres, a descrição e o colorido das cenas e das localidades, isso tudo é meu, e disso só é exclusivamente responsável a minha pobre capacidade", dele, Arnaldo Gama.

Eis um progresso sobre Herculano e Garrett — o Garrett de "O Arco de Sant'Ana" —: o reconhecimento de que a verdade histórica é pretensão da documentação erudita, mas que a sua organização literaria depende do romancista.

Assim, se o episódio que o antiquário portuense lhe propunha para tema da sua obra de ficção datava de pouco mais de um século e era indiscutivelmente verídico, Arnaldo Gama não perdia a oportunidade de combinar esses mesmos fatos de molde a que eles se apresentassem ao leitor mais romanescos, ou seja, mais ricos de pormenores sentimentais e humanos, do que porventura transpareciam das páginas históricas, da documentação erudita.

Cingindo-se ao "Motim Há Cem Anos", podemos verificar, com efeito, que nada está deformado na verdade histórica que inspirava o romancista. A revolta dos taverneiros do Porto contra o decreto que criava a Companhia Geral da Agricultura dos Vinhos do Alto Douro em bases diferentes das propostas ao marquês corresponde à verdade: é um fato histórico.

o
assa
são qu
to, este
pais etapas
juventude che
cas, a primeira
ligaria profundame
lões, o exito dos aer
meiros aeroplanos, os
numa serie de triunfos
"cidade-luz" da época, alve
Estado e de personalidades do
tos autores, Edmar Morel levam
á atribuição, aos irmãos Wrigth, e
aparelhos "mais pesados que o ar".
o ponto de vista de Gondim da Fonseca
do assunto. Este propõe que o aeroplano
tores do Ohio que, segundo parece, se en
seu de Washington, seja abastecido com o
que se dispunha na época, e levado a uma pista
vão não haverá mais discussões..." (Com prefácio
de Queiroz. Edição sob os auspícios do S. Nacional das
sas Aeroviárias. Capa de Marius Lauritzen Bern).

ROLMES BARBOSA

Mas a interpretação principia quando o romancista introduz na ficção as personagens fictícias que contracenam com as verídicas. Se é verídica a larga comparsaria do romance — a principiar na figura dos taverneiros e a acabar na do marquês de Pombal, passando pela clínicarriana do dr. Mascarenhas, alma danada das execuções em massa dos populares portuenses — já pertence à ficção a galeria dos comparsas do conflito amoroso, inclusivamente a figura do sargento Manuel da Costa, protegido de Alvaro Martins, conde de Sardoal, proscrito do Reino por ter assassinado a mulher, julgando-a envolvida em adultérios amores o próprio ministro de D. José.

Isto mesmo, esta colaboração do imaginativo com o histórico, eis o que iria criar a popularidade das ficções de Arnaldo Gama, pois em todas elas o elemento romanesco, concebido à

margem da efabulação histórica, vivifica a sua trama, no fundo rigorosamente histórica.

Com Arnaldo Gama, de resto, ousa o nosso romance de cariz histórico trocar o passado longínquo pelo passado próximo. Pouco importa que tenha romaneado episódios da história medieval ou renascentista; é com ele que o nosso romance histórico ultrapassa a meta do século XVIII — atingida por Rebelo da Silva —, e utiliza episódios do princípio do século XIX — as invasões francesas, por exemplo, como acontece no "Sargento-Mor de Vilar". Aliás, este romance preludia o aparecimento das "Pupilas do Senhor Reitor", das primeiras peças novelísticas de caráter idílico da nossa literatura do século XIX. A sua figura feminina é, pelo menos, tão senhoral, tão leal, nos seus amores como as personagens que farão a glória de Julio Dinis.

"O Estado de S. Paulo" 24-XII-1966